

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano IV n. 47 Dez. 2023
ISSN 2675-2573



**EDUCAÇÃO É UMA ÁREA DE
CONSTANTES DESAFIOS!**



**A ARTICULAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO INICIAL E A
FORMAÇÃO CONTINUADA: UMA PERSPECTIVA DE
APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA**
MARISA GARCIA



Filiada à
**ABEC
BRASIL**
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 47 - Dezembro de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Andreia Fernandes de Souza

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas:

Adeilson Batista Lins

Isac Chateaufneuf

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Adriana Beatriz de Oliveira

Aline Pereira Matias

Amanda Maria Franco Liberato

Anderson da Silva Brito

Andréia Fernandes de Souza

Bruno Vinicius Pereira da Silva

Débora da Silva Melo Valiante

Elaine Aparecida Forgassin Corrêa

Fernanda dos Santos Ikier

Graziela de Carvalho Monteiro

Isac dos Santos Pereira

Maria Angela Ferreira Oliveira

Maria Dalva Lima de Sousa

Marisa Garcia

Ruy Francisco Sposaro

Walter Paulesini Junior

Silvana dos Santos Silva

Solange Hitomi Kurozaki

Suseli Corumba dos Santoso

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 47 (dez. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 178 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.47

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.47>



São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac Chateaneuf
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Andréia Fernandes de Souza

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

07 Ciências, Tecnologia e Sociedade

Adeilson Batista Lins

13 Projeto: Eu Amo Ler.

14 EDUCAÇÃO É UMA ÁREA DE CONSTANTES DESAFIOS!



ARTIGOS

- | | |
|--|-----|
| 1. O PROFESSOR ORIENTADOR DE ÁREA - POA DE ALFABETIZAÇÃO: SABERES E FAZERES NECESSÁRIOS À FUNÇÃO
ADRIANA BEATRIZ DE OLIVEIRA | 17 |
| 2. AS ARTES VISUAIS E A CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL DOS ESTUDANTES NA PERSPECTIVA DE VIK MUNIZ
ALINE PEREIRA MATIAS | 31 |
| 3. PROGRAMA APRENDER E ENSINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO CONTINUADA
AMANDA MARIA FRANCO LIBERATO | 37 |
| 4. A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA QUE ELA REALMENTE ACONTEÇA
ANDERSON DA SILVA BRITO | 47 |
| 5. PROBLEMAS DE MATEMÁTICA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: DA ANÁLISE DE DADOS À DEMANDA FORMATIVA
ANDRÉIA FERNANDES DE SOUZA | 57 |
| 6. A IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO E O TRATAMENTO DO CÂNCER BENIGNO DE BOCA PELO CIRURGIÃO BUCOMAXILOFACIAL
BRUNO VINICIUS PEREIRA DA SILVA /WALTER PAULESINI JÚNIOR | 69 |
| 7. PAUTAS FORMATIVAS (TAMBÉM) TRAZEM GENTE DENTRO: REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS
FORMATIVOS
DÉBORA DA SILVA MELO VALIANTE | 77 |
| 8. APRENDIZAGEM ALÉM DOS LIMITES COGNITIVOS: PERSPECTIVAS PRÁTICAS SOBRE COMO AS EMOÇÕES E OS VÍNCULOS
AFETIVOS IMPACTAM NO PROCESSO EDUCATIVO
ELAINE APARECIDA FORGASSIN CORRÊA | 85 |
| 9. O CONSUMO ALIMENTAR INFANTIL E AS INFLUÊNCIAS DO MARKETING
FERNANDA DOS SANTOS IKIER | 93 |
| 10. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO SUPERIOR PARA A PRÁTICA DO ENSINO ACADÊMICO
GRAZIELA DE CARVALHO MONTEIRO | 101 |
| 11. A AVALIAÇÃO CONSTRUTIVA NO ÂMBITO ESCOLAR: PENSAR O PROFESSOR E OS ESTUDANTES NESSE PROCESSO
ISAC DOS SANTOS PEREIRA | 109 |
| 12. A LITERATURA APLICADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA
MARIA ANGELA FERREIRA OLIVEIRA | 119 |
| 13. O TDAH NA ESCOLA
MARIA DALVA LIMA DE SOUSA | 127 |
| ★ 14. A ARTICULAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO INICIAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA: UMA PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM AO
LONGO DA VIDA
MARISA GARCIA | 133 |
| 15. USO DO EXTRATO DE PRÓPOLIS EM PACIENTES DA UTI
RUY FRANCISCO SPOSARO /WALTER PAULESINI JUNIOR | 139 |
| 16. FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO TERRITÓRIO
SILVANA DOS SANTOS SILVA | 149 |
| 17. O TEA E OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
SOLANGE HITOMI KUROZAKI | 157 |
| 18. A ENUNCIÇÃO E SUAS INSTABILIDADES NUM PERCURSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA
SUSELI CORUMBA DOS SANTOS | 169 |

O TEA E OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

SOLANGE HITOMI KUROZAKI¹

RESUMO

A integração escolar dos alunos com TEA assume cada vez mais importância no panorama educativo, sendo o papel do professor de apoio crucial neste processo. Este estudo qualitativo, realizado por meio de revisão bibliográfica, busca investigar o papel do professor de apoio na promoção da inclusão escolar de alunos com TEA, tendo como objetivos específicos: explorar a atuação do professor de apoio no ensino aprendizagem; examinar a abordagem pedagógica na perspectiva da educação inclusiva; identificar os componentes-chave do trabalho do professor de apoio no contexto da inclusão escolar e avaliar o papel do professor de apoio como mediador no ambiente escolar. O educador de apoio colabora com o professor responsável pela sala de aula e com o Serviço de Atendimento Educacional Especializado, auxiliando na compreensão das características dos alunos com deficiência e eliminando obstáculos que dificultam a inclusão no ambiente escolar. Os resultados deste estudo indicam que a prática inclusiva vai além da diferenciação entre os alunos e envolve a compreensão dos fatores socioculturais que interagem para produzir diferenças individuais, como biologia, cultura, família e escola. A prática inclusiva abrange também a análise da contribuição relativa destes fatores na determinação de respostas adequadas às dificuldades enfrentadas pelos alunos.

Palavras-chave: Aprendizagem; Dificuldades; Inclusão.

INTRODUÇÃO

O TEA envolve diversas áreas do desenvolvimento e é importante que uma equipe multidisciplinar participe na sua detecção e intervenção precoce, e desta forma, promova o apoio psicológico aos pais e a integração da criança na escola e no seu meio. A participação precoce de diversos profissionais e o estabelecimento de uma cultura de diálogo contínuo, constante e fluido entre eles é necessária no desenvolvimento de estratégias que visem facilitar o desempenho de crianças com TEA.

Os pais de crianças com TEA consideram que não existe pessoal educativo especializado em compreender o autismo e que este pequeno grupo aplica modelos hierárquicos e verticais, sem ter em conta as opiniões de pessoas que têm experiência direta na compreensão destas crianças. Os pais ou cuidadores não são especialistas em todas as

¹ Graduação em Licenciatura Matemática pelo Centro Universitário Fundação Santo André(2005); Graduação em Licenciatura Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2012); Professora na Rede Municipal de São Paulo.

áreas que afetam o TEA. Portanto, é necessária orientação especializada dos profissionais envolvidos. Contudo, é fundamental durante o processo de intervenção considerar os objetivos, necessidades e opiniões das pessoas que convivem com essas crianças para facilitar as interações entre os familiares.

Nos últimos anos, tem havido um aumento de casos de crianças com TEA em que são solicitadas terapias especializadas em integração sensorial com o objetivo de melhorar o processamento sensorial para construir respostas adaptativas que levem à organização do comportamento. Da mesma forma, em crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e problemas de processamento de integração sensorial, a colaboração entre o terapeuta e a equipe educativa surge como uma abordagem eficaz. O trabalho conjunto entre profissionais de saúde, pessoal educativo e pais contribuirá para a inclusão progressiva de crianças com TEA na sala de aula.

Por tudo isso, a efetiva inclusão da criança com TEA no ambiente escolar e o sucesso do seu desempenho é precedida de uma concepção integral que envolve a detecção e intervenção precoce e a inevitável abordagem da equipe multidisciplinar e dos cuidadores.

A INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO COM TEA A PARTIR DA CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DE VYGOTSKY

Lev Semyonovich Vygotsky (1886-1934) ocupa uma posição relevante na história da psicologia pela originalidade e sagacidade de seu pensamento no campo da educação e do desenvolvimento integral da personalidade. As múltiplas contribuições que deu, no curto período da sua vida, proporcionaram uma opção integradora para a compreensão da atividade cognitiva, afetiva e volitiva do ser humano num momento histórico que se caracterizou por uma profunda crise nas ciências psicológicas, em cujo reducionismo estava em plena efervescência.

As suas ideias principais continuam a ser actuais e atingem vários ramos do conhecimento e da actividade social, especialmente as transformações da educação que se realizam nos diferentes países para estar à altura das condições do desenvolvimento social contemporâneo. Agora, pode-se dizer que suas contribuições teóricas atingem seu ápice nas pedagogias inclusivas cuja responsabilidade social é a educação de meninos e meninas com necessidades educacionais especiais.

Atualmente, a educação inclusiva é entendida por Ainscow (2015) como um processo criativo e inovador cujo propósito fundamental é promover a presença, a aprendizagem significativa e a participação ativa de todas as crianças na educação convencional, particularmente daquelas que correm o risco de serem excluídas devido à forma como interagem com os outros ou devido às suas características biológicas ou sociais. Ora, a ideia de um modelo educativo que colocaria uma barreira à exclusão não é de todo uma questão nova; sem ser absoluto, poder-se-ia dizer que se alguém teve um pensamento preeminente neste sentido, foi Vygotsky.

A transformação da educação foi pensada por Vygotsky na primeira luz do século XX. A este respeito e referindo-se apenas à educação das pessoas com deficiência, expressou: *“aqui não só não se desenvolvem, mas a força da criança é sistematicamente atrofiada... Esta*

escola aumenta a psicologia do separatismo, em toda a sua natureza é anti-social e educa o espírito anti-social. Somente a reforma radical de toda a educação em geral oferece uma saída” (Vygotsky, 1995, p. 98). Assim, poderíamos dizer que Vygotsky foi um precursor da educação inclusiva ou, se preferir, um dos primeiros pensadores com desejo de caminhar em direção à integração.

No âmbito da educação inclusiva, as pessoas com TEA continuam a exigir estratégias psicopedagógicas que permitam a estimulação adequada do seu desenvolvimento psicossocial o mais cedo possível, para tentar orientar o curso do seu comportamento restrito e estereotipado para uma trajetória de desenvolvimento mais adaptativa e funcional (Adams, et al, 2019).

O TEA é uma anomalia do neurodesenvolvimento de prevalência crescente que provoca alterações persistentes em áreas fundamentais do desenvolvimento, como, por exemplo: reciprocidade social, comunicação verbal e extraverbal, comportamento e interesses (CATALÁ, et al, 2019). A implementação de práticas inclusivas nos estabelecimentos de ensino teria que considerar estas características de desenvolvimento. Por isso é necessário promover um conglomerado de ações para combater as barreiras e mecanismos que impedem a promoção de uma cultura que facilite a implementação dessas práticas e, assim, favoreça o desenvolvimento e o bem-estar dessas crianças.

Nesse sentido, a utilização da abordagem histórico-cultural poderia contribuir para o alcance desse objetivo, uma vez que apoiada em uma posição integradora do desenvolvimento humano, oferece a possibilidade de abordar holisticamente as especificidades dos comportamentos autistas em diferentes contextos.

A teoria da aprendizagem e do desenvolvimento de Vygotsky marcou especialmente diferentes áreas da psicologia evolucionista (pensamento e linguagem, a unidade do cognitivo e do afetivo, etc.). Seu axioma fundamental é que os aspectos sócio-históricos determinam a configuração da psique humana. Esta perspectiva evolucionista direcionou as diferentes variantes de sua análise genética (método genético-comparativo e método experimental-evolutivo), apontando que a compreensão do comportamento humano só pode ser realizada se forem estudados suas fases e os múltiplos movimentos que o compõem.

Nessa perspectiva, as peculiaridades da estrutura psíquica dos indivíduos só podem ser compreendidas através da consideração da forma e do momento de sua intervenção durante o desenvolvimento. Portanto, o psiquismo humano evolui gradativamente com o passar do tempo e a chave para a compreensão das eventuais singularidades dessa evolução encontra-se na vida sociocultural do ser humano desde seus primeiros movimentos pelo mundo (CARRERA & MAZZARELLA, 2001).

Para estudar os processos que dão origem à subjetividade humana, Vygotsky aplicou seu método de análise genética em quatro áreas fundamentais do desenvolvimento: a primeira foi a área filogenética que incluía a formação complexa de funções psíquicas superiores exclusivas dos seres humanos; a segunda apontou para o desenvolvimento histórico-sociocultural, apontando sua influência e determinação na regulação do comportamento social; a terceira abordou a parte ontogenética, momento em que se justapõem duas linhas de desenvolvimento distintas (biológica e social), mas que atuam de

forma dinâmica e simultânea; e por fim a microgenética, que se refere às especificidades da formação de processos psicológicos de curto prazo (ANH & MARGINSON, 2013).

Dessa forma, Vygotsky procurou abordar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e volitivo da criança de forma abrangente, distanciando-se das posições reducionistas que dominavam a psicologia de sua época. Com as suas contribuições, o estudo do desenvolvimento humano passa a ser analisado de forma global e dinâmica onde todas as funções psicológicas superiores são produto do desenvolvimento social, e não do desenvolvimento biológico, embora este último constitua a base para a multiplicação e formação do seu caráter social.

Esta visão holística do desenvolvimento pode contribuir para a detecção e compreensão das motivações fundamentais das pessoas com TEA. Embora tenham ocorrido múltiplas mudanças em termos de avaliação diagnóstica e tratamento, na prática o diagnóstico e o cuidado do TEA ainda são permeados por essa visão tradicional estagnada na concepção biológica do desenvolvimento psicológico, marcada por uma forte tendência à rotulagem. Numa perspectiva vygotskiana, esta abordagem dificulta uma análise abrangente, pois parte do reconhecimento de que cada sujeito é único e irrepetível e revela as características do seu desenvolvimento pessoal em determinado momento histórico-cultural.

Para realizar a avaliação diagnóstica do TEA, o DSM-V estabelece os seguintes critérios: déficits persistentes de comunicação e interação social; déficit na reciprocidade social e emocional; déficit em comportamentos de comunicação não-verbal; déficit no desenvolvimento e manutenção de relacionamentos adequados ao nível de desenvolvimento; padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; e outras características relacionadas à falta de interesse social, reatividade e má imitação. Destaca também que o nível de adaptação aos diferentes contextos da criança com estas características será uma informação fundamental para tornar o diagnóstico eficaz (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

A importância da utilização desses critérios para o diagnóstico de TEA em todo o mundo é indiscutível, visto que promovem um consenso na comunidade científica e clínica. Numa perspectiva vygotskyana, pensar apenas na adaptação da criança em diferentes contextos como problema principal não contribui para o desenvolvimento de suas potencialidades por meio da ação educativa. Além disso, não leva em consideração o contexto comunitário para o desenvolvimento da socialização e a necessidade de educar socialmente a criança, a família e a comunidade para uma interação comunicativa e social adequada (AGUIAR, ET AL., 2016).

Para Vygotsky, as bases do nosso aparato neurobiológico e a ampla gama de fenômenos sociais que caracterizam a nossa vida em comunidade estavam intimamente relacionadas e marcadas por um desenvolvimento dialético em que os aspectos sociais acabam se tornando decisivos e determinantes. Esta relação dinâmica, que em determinados períodos do desenvolvimento percorreu caminhos paralelos, ganhando força e uma singularidade especial na sua união complexa, dá lugar à formação das funções psíquicas superiores do ser humano. Dessa forma, para Vygotsky “o sujeito humano ao nascer herda

toda a evolução filogenética, mas o produto final do seu desenvolvimento dependerá das características do meio social em que vive” (VYGOTSKY, 1989, p.57).

Consequentemente, os processos psíquicos superiores são uma categoria resultante da inter-relação entre o biológico e o social. Ou seja, o desenvolvimento do psiquismo de uma pessoa e de suas especificidades que a tornam um ser único e irrepitível estão condicionados pelo desenvolvimento e pelas qualidades da estrutura orgânica que reflete as condições socioculturais em que se forma. Por isso, a subjetividade humana contém as particularidades do mundo que a rodeia, mas sem deixar de ter caráter autônomo.

REVISÃO DE LITERATURA SOBRE OS DIAGNÓSTICOS DO TEA

Na medida em que uma criança é diagnosticada como autista, quanto antes fizer um tratamento adequado, mais serão as possibilidades de desenvolvimento para o convívio em grupo, pois “as principais características do autismo são as dificuldades no estabelecimento de relações sociais, na comunicação verbal e não verbal, no desenvolvimento do jogo simbólico e da imaginação e na resistência às mudanças de rotina” (APPDA, 2000, p. 15).

O autismo é um distúrbio do comportamento de início precoce e curso crônico, com impacto variável em áreas múltiplas e nucleares do desenvolvimento é caracterizado por prejuízos na interação e na comunicação social, com restrita gama de interesses, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados e maneirismos. (BRUNE et al.,2006; KLIN, 2006. apud SANTOS et al., p.1. 2018).

Um muro demasiado alto e muito difícil de transpor. Um muro de palavras e silêncios, de gestos e expressões, de sons e de cheiros, de imagens e de toques, de intenções e de códigos. Um muro que dá para um mundo que eles não compreendem, mas no qual estão inseridos e do qual fogem, sempre que possível, para o deles, o interior. Eles são as crianças com autismo. Cada um vive o seu mundo. Nós fazemos os possíveis para entrar no seu mundo, descobrir o que faz deles diferentes, saber por que nascem assim, qual a melhor forma de lidar com eles o que muda ao longo dos anos, enfim, entender como devemos deixá-los viver e crescer felizes (PIRES, 2003, apud FORTUNATO, 2006).

Os primeiros sinais podem começar a surgir por volta dos 15 a 18 meses de idade. Embora essa seja considerada uma fase precoce, é recomendável iniciar a detecção de sintomas nesse momento, buscando o apoio de um especialista qualificado. É essencial que o diagnóstico seja feito precocemente, preferencialmente entre os dois e três anos de idade, quando há uma maior confiabilidade na determinação do diagnóstico e é possível iniciar o acompanhamento com profissionais treinados. Esses profissionais trabalharão com estímulos abrangendo todos os sintomas visando ao desenvolvimento excepcional da criança, conforme descrito por Pessim e Fonseca:

Apesar de o DSM-V (APA, 2013) fornecer os critérios básicos para a determinação do diagnóstico de autismo, em termos práticos, o processo diagnóstico não é tão simples quanto pode parecer. Além da grande diversidade de manifestação dos sintomas autísticos, existe também uma grande variedade em relação ao momento em que a criança começa a exibir cada um dos diferentes sintomas, bem

como diferenças individuais no perfil desenvolvimental de cada criança e das comorbidades que podem estar presentes em diferentes casos (PESSIM; FONSECA, 2015, p.2).

Os autistas não se sentem bem ao conviver em grupo e por isso é fundamental que ocorra um acompanhamento precoce para um tratamento adequado que auxilie no processo do convívio social.

É por meio da linguagem que o indivíduo realiza sua interação social e cultural, avançando em seu desenvolvimento social e definindo sua própria identidade. Todavia, é na linguagem e, portanto, na comunicação, que se concentra uma das dificuldades para as pessoas com autismo, uma vez que poucos desenvolvem habilidades para a conversação, embora muitas desenvolvam habilidades verbais e grande parte consiga desenvolver somente habilidades não verbais de comunicação. (ORRÚ, 2012, p.185).

Para um diagnóstico clínico preciso do Autismo, a criança deve ser extremamente examinada, tanto fisicamente quanto psico-neurologicamente. A avaliação deve incluir entrevistas com a família, observação e exame psico- mental e, algumas vezes, de exames complementares para doenças genéticas e ou hereditárias.

De acordo com Mantoan (1997, p. 13): “É através da escola que a sociedade adquire, fundamenta e modifica com participação, colaboração e adaptação. Embora outras instituições como família ou igreja tem função muito importante, é da escola a maior parcela.”

Portanto, deve sempre existir uma parceria entre escola e família, em prol da criança com autismo, contribuindo para o desenvolvimento integral e significativo da criança autista.

CRIANÇAS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES

É comum que alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tenham dificuldades em compreender e seguir as normas e regras que governam as relações sociais.

Durante as brincadeiras ou atividades recreativas com seus colegas, muitos alunos com TEA enfrentam dificuldades para se integrar, pois seus métodos de relacionamento não seguem padrões sociais apropriados ou ajustados.

Essa falta de adaptação em suas formas de contato social pode levar a um relacionamento difícil com seus colegas, resultando em momentos de isolamento. Durante a Educação Infantil, é comum que as outras crianças não compreendam o comportamento dos alunos com TEA, o que pode levar à falta de comunicação verbal e não verbal e conseqüentemente ao isolamento dessas crianças durante as atividades de recreação ou jogos compartilhados na escola.

Para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo. Este não pode se resumir às experiências acadêmicas, mas se ampliar para todas as experiências que favoreçam o desenvolvimento dos alunos normais ou especiais. Sendo assim, as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez sejam “os conteúdos” que serão ensinados (ROPOLI, 2010, p.90).

Conforme as pessoas com TEA vão se tornando jovens e adultas, elas podem ter dificuldades em desenvolver e manter amizades.

É possível que simplesmente existiram várias crianças com autismo e não eram diagnosticadas agora com o maior número de profissionais lidando com a saúde infantil e com melhores informações a respeito, propiciou-se maior possibilidade de diagnósticos. (ASSENCIO-FERREIRA, 2005, p.102).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição multifatorial que afeta o desenvolvimento precoce e crônico nas áreas sociocomunicativa e comportamental, causando prejuízos ao funcionamento geral dos indivíduos afetados, como comunicação, aprendizagem, adaptação às atividades diárias e socialização, embora o grau de impacto possa variar.

O aumento significativo do número de casos tem sido discutido na literatura, atribuído a uma maior exposição aos fatores causais, ampliação dos critérios diagnósticos e capacitação dos profissionais para identificação de sintomas, rastreamento e diagnóstico.

Apesar de não haver respostas conclusivas sobre essa questão, é evidente a importância social do tema, uma vez que cada vez mais pessoas lutam por seus direitos e buscam serviços especializados e escolas regulares.

Embora o TEA possa apresentar dificuldades nas interações sociais, não é uma condição que impeça totalmente essas interações. É importante analisar as interações sociais entre crianças com TEA e seus colegas, levando em consideração o contexto, o tipo de atividade, a mediação dos professores e as influências mútuas do conceito de bidirecionalidade.

Na Educação Infantil o espaço escolar deve estar sempre preparado para receber as crianças com TEA, desenvolvendo a parte cognitiva e intelectual. Cool *et al* (1995, p. 286) afirmam que:

- [...] 1) em primeiro lugar, refere-se à necessidade de que o ambiente não seja, excessivamente, complexo, senão, pelo contrário, relativamente simples. As crianças autistas têm um maior aproveitamento, quando são educadas em grupos pequenos [...], que possibilitem um planejamento bastante personalizado dos objetivos e procedimentos educacionais em um contexto de relações simples e, em grande parte, bilaterais;
- 2) em segundo lugar, o ambiente deve facilitar a percepção e compreensão, por parte da criança, de relações contingentes entre suas próprias condutas e as contingências do meio[...];
- 3) além disso, o educador deve manter uma conduta educadora[...] estabelecendo, de forma clara e explícita, seus objetivos, procedimentos, métodos de registro, etc.

Portanto, a escola de Educação Infantil pode fornecer um ambiente seguro e estruturado para que as crianças com TEA possam aprender e crescer ao lado de outras crianças.

OS PROFESSORES E OS DESAFIOS DE TRABALHAR COM CRIANÇAS COM TEA

Os desafios dos professores ao trabalhar com crianças que possuem TEA na Educação Infantil podem incluir (MANTOAN, 2006):

- 1. Falta de conhecimento e capacitação específica sobre o TEA;
- 2. Dificuldade em identificar sinais e sintomas do TEA em crianças pequenas;
- 3. Necessidade de adaptação do ambiente e das atividades para atender às necessidades das crianças com TEA;
- 4. Dificuldade em lidar com comportamentos desafiadores e/ou agressivos apresentados por algumas crianças com TEA;
- 5. Dificuldade em promover a interação social entre as crianças com TEA e as demais crianças da turma;
- 6. Dificuldade em trabalhar com as famílias das crianças com TEA e na comunicação com elas;
- 7. Necessidade de trabalhar em equipe multidisciplinar para atender às necessidades das crianças com TEA.

A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazendo. É inegável que os velhos paradigmas da modernidade estão sendo contestados e que o conhecimento, matéria-prima da educação escolar, está passando por uma reinterpretação. As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos (MANTOAN, 2006, p.11).

É importante que os professores sejam capacitados e apoiados para lidar com esses desafios, para que possam promover a inclusão e o sucesso escolar das crianças com TEA.

O TEA e os transtornos invasivos do desenvolvimento abrangem um amplo grupo de transtornos cognitivos e neurocomportamentais, que incluem características definidoras centrais de socialização prejudicada, padrões de comportamento restritos e repetitivos e comunicação verbal e não verbal prejudicada. Essas áreas implicadas representam limitações para crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA) que, quando não são intervencionadas, dificultam seu aprendizado e inclusão na escola.

A educação inclusiva tem sido caracterizada como um “novo paradigma”, que se constitui pelo apreço à diversidade como

condição a ser valorizada, pois é benéfica à escolarização de todas as pessoas, pelo respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem e pela proposição de outras práticas pedagógicas, o que exige uma ruptura com o instituído na sociedade e, conseqüentemente, nos sistemas de ensino. (MANTOAN, PRIETO E ARANTES, 2006, p. 4).

A inclusão educacional deve ser entendida como um equilíbrio equilibrado entre aprendizagem de qualidade e desempenho escolar condizente com as habilidades do aluno que garanta uma aprendizagem significativa para todos. Nesse sentido, é relevante conhecer os problemas que as crianças com TEA enfrentam, bem como as intervenções de saúde que abordam essas dificuldades e melhoram seu desempenho para a correta fixação da aprendizagem na escola.

Embora seja um aspecto que afeta significativamente o progresso de crianças com TEA, ou o diagnóstico e tratamento precoce, ou o reconhecimento das características das crianças fora do ambiente clínico mesmo tardiamente, situação que dificulta o uso das possibilidades de intervenção oferecidas pela neuroplasticidade nos primeiros anos de desenvolvimento. (ALARCÃO, 2003).

Ao encontro das afirmações de pesquisadores (as) sobre a temática, é fundamental que a escola, por meio de sua equipe gestora, possibilite formas de participação coletiva e de ofertas de formação contínua aos seus e suas profissionais para que possam responder às necessidades pedagógicas de cada criança. Assim, é a comunidade escolar que deve procurar meios para responder às necessidades de suas crianças. Quando esse processo não é orientado nessa perspectiva, a criança pode apresentar uma série de problemas de ordem psicológica, como a insegurança, o excesso de nervosismo, agitação e irritabilidade. (CASTRO; REIS; SILVA, 2020, p.8)

A importância da participação de uma equipe multidisciplinar na detecção e intervenção precoce do TEA é mencionada por vários autores. Por exemplo, no artigo de APPDA (1993), destaca-se a necessidade de uma abordagem colaborativa que envolva profissionais de saúde, educação e serviços sociais. Essa colaboração é fundamental para identificar precocemente os sinais de autismo, realizar avaliações diagnósticas e elaborar um plano de intervenção adequado.

Além disso, o apoio psicológico às famílias e a integração das crianças com TEA na escola são aspectos cruciais do processo de intervenção. Autores como Belisário e Cunha (2010), destacam a importância de oferecer suporte emocional e psicológico às famílias, que muitas vezes enfrentam desafios significativos e estresse ao lidar com o diagnóstico e o manejo do TEA.

A integração das crianças com TEA na escola é abordada por autores como Coll, Palacios e Marchesi (1995), que ressaltam a necessidade de adaptações e estratégias específicas para promover a participação e o aprendizado dessas crianças no ambiente escolar. A equipe multidisciplinar desempenha um papel fundamental na identificação das

necessidades individuais de cada criança e no desenvolvimento de estratégias educacionais personalizadas.

Além disso, é fundamental estabelecer uma cultura de diálogo contínuo, constante e fluido entre os profissionais envolvidos. A comunicação efetiva e o compartilhamento de informações entre os membros da equipe multidisciplinar são essenciais para garantir uma abordagem integrada e coordenada no manejo do TEA. Autores como Orrú (2012) enfatizam a importância da colaboração e do trabalho em equipe para garantir que as intervenções sejam consistentes e abrangentes.

Portanto, o TEA envolve várias áreas do desenvolvimento e requer uma abordagem multidisciplinar para detecção e intervenção precoce. Essa equipe multidisciplinar deve colaborar de forma contínua, constante e fluida, promovendo o apoio psicológico às famílias e a integração das crianças com TEA na escola. A participação de profissionais de diferentes áreas é fundamental para desenvolver estratégias eficazes e personalizadas que facilitem o desempenho das crianças com TEA.

O TEA envolve várias áreas do desenvolvimento e é importante que uma equipe multidisciplinar participe na sua detecção e intervenção precoce, promovendo assim o apoio psicológico aos pais e a integração das crianças na escola. O desenvolvimento de estratégias voltadas para facilitar o desempenho de crianças com TEA requer a participação precoce de diversos profissionais e o estabelecimento de uma cultura de diálogo contínuo, constante e fluido entre eles.

Nos últimos anos, houve um aumento de casos de crianças com TEA em que são solicitadas terapias especializadas em integração sensorial com o objetivo de melhorar o processamento sensorial para construir respostas adaptativas que levem à organização comportamental. Da mesma forma, em crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de processamento de integração sensorial, a colaboração entre o terapeuta e a equipe educacional surge como uma abordagem eficaz.

O trabalho conjunto entre profissionais de saúde, educadores e os pais contribuirá para a inclusão progressiva de crianças com TEA na sala de aula.

Por tudo isto, a inclusão efetiva da criança com TEA no ambiente escolar e o sucesso do seu desempenho, é precedida de um conceito abrangente que implica a detecção e intervenção precoce e a abordagem inconciliável da equipe multidisciplinar e cuidadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de crianças com deficiência é um aspecto que merece atenção e requer estudo, formação e aprofundamento. Dessa forma, é fundamental compreender e reconhecer as dificuldades que os professores de apoio discente enfrentam em relação ao tema, bem como investigar suas percepções sobre o processo de inclusão.

Nesse contexto, o planejamento do professor de apoio torna-se extremamente relevante, permeado pela questão da inclusão na sua prática diária, refletida nos seus conhecimentos, atitudes e crenças sobre os aprendizes.

Esses elementos servem de base na busca de respostas às questões que surgem quando os alunos com deficiência encontram barreiras na aprendizagem, determinando o nível de conhecimento do professor em relação à sua abordagem pedagógica inclusiva. Os processos de ensino e aprendizagem e a capacidade de estabelecer e manter relações colaborativas com outros profissionais são essenciais tanto para enfrentar os atuais riscos de exclusão e incompreensão como para promover uma inclusão eficaz.

Para isso, é necessário que todos os envolvidos no processo educativo estejam comprometidos e abertos ao diálogo e à troca de experiências. A prática inclusiva vai além da diferenciação, envolve a compreensão dos fatores socioculturais que interagem para produzir diferenças individuais (biologia, cultura, família, escola), em vez de explicações que enfatizam uma única causa.

Essa prática envolve compreender como equilibrar a contribuição relativa de cada um destes factores na determinação de respostas adequadas quando as crianças enfrentam dificuldades. Com efeito, os resultados alcançados neste trabalho não esgotam o tema da educação inclusiva, que é amplo e abrangente, há ainda muito a explorar, especialmente no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e aos atores envolvidos.

PREFERÊNCIAS

- ADAMS, D., MACDONALD, L. E KEEN, D. **Respostas do professor aos comportamentos relacionados à ansiedade em alunos no espectro do autismo.** *Pesquisa em Deficiências de Desenvolvimento*, 86, 11-19. 2019.
- AGUIAR, G., MAINEGRA, D., GARCÍA, O., & HERNÁNDEZ, Y. **Diagnóstico em crianças com transtornos do espectro do autismo no seu desenvolvimento na compreensão textual.** *Revista de Ciências Médicas de Pinar del Río*, 20 (6), 63-71. 2016.
- ALARCÃO, I. (2003). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão.** Porto: Porto Editora.
- APPDA (1993). **Autismo: Integrar.** Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional e Secretariado Nacional de Reabilitação, 2, pp.14 – 15.
- ANH, DTK E MARGINSON, S. **Aprendizagem global sob as lentes da teoria sociocultural vygotskiana.** *Estudos Críticos em Educação*, 54(2), 143-159. 2013.
- AINSCOW, M. **Lutas pela equidade na educação: As obras selecionadas de Mel Ainscow.** Routledge. 2015.
- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Quinta Edição.** Associação Psiquiátrica Americana. 2013.
- BELISÁRIO, J. F. Filho; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar. Transtornos globais do desenvolvimento.** Brasília: Ministério da Educação, 2010.
- CARRERA, B. E MAZZARELLA, C. **Vygotsky: abordagem sociocultural.** *Educere*, 5(13), 41-44. 2001.
- CATALÁ-LÓPEZ, F., RIDAO, M., HURTADO, I., NÚÑEZ-BELTRÁN, A., GÈNOVA-MALERAS, R., ALONSO-ARROYO, A., & TABARÉS-SEISDEDOS, R. **Prevalência e comorbidade do transtorno do espectro do autismo na Espanha: protocolo de estudo para uma revisão sistemática e meta-análise de estudos observacionais.** *Revisões Sistemáticas*, 8(1). 2019.
- CASTRO, R. M.; REIS, K. C. O.; SILVA, A. L. **A escola e o Ensino Fundamental I, frente às dificuldades de aprendizagem: aspectos para uma pauta de discussões sobre a (des)medicalização da educação e o êxito do(a)s escolares.** *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 15, n. esp. 5, p. 2950-2966, dez. 2020. e-ISSN: 1982- 5587. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15iesp5.14568>. Acesso: 1. nov.2023.
- COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

MANTOAN, M.T.E.; PRIETO, R.G.; ARANTES, V. A. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

ORRÚ, silva Ester. "Trajetórias, avanços e desafios na concepção e educação de educando com autismo". In: ORRÚ, Silva (ORG). **Estudantes com necessidades especiais: Singulares e desafios na prática pedagógica inclusiva**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

PESSIM, Larissa Estanislau; FONSECA, Profª. Ms. Bárbara Cristina Rodrigues. **Transtornos do espectro autista: importância e dificuldade do diagnóstico precoce**. Disponível: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/pnnWsCHLoL9zOLE_2015-3-3-14-7-28.pdf. Acesso em 06 nov.2023.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva** / Edilene Aparecida Ropoliet.al. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

VYGOTSKY, L. **História do desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores**. Cientista Técnico. 1987.

VYGOTSKY, L. **Fundamentos de Defectologia, Obras Completas , Volume V**. Pessoas e Educação. 1989.

VYGOTSKY, L. **Obras Completas. t. V. Fundamentos da Defectologia**. Pessoas e Educação. 1995.

VYGOTSKY, L. **Ferramenta e sinal no desenvolvimento da criança. As Obras Coletadas de LS Vygotsky**, Vol 6. Kluwer Academic/ Plenum Publishers. 1999.

VYGOTSKY, L. **Interação entre aprendizagem e desenvolvimento**. IN compilador AL Segarte. **Psicologia do Desenvolvimento Escolar**. Seleção de leituras . (págs. 45-60). Félix Varela. 2006.



ANEXO 46
N.º 46
ISSN 2675-2573

a EVOLUÇÃO

ANEXO 47
N.º 47
ISSN 2675-2573



**EDUCAÇÃO É UMA ÁREA DE
CONSTANTES DESAFIOS!**



A ARTICULAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO INICIAL E A
FORMAÇÃO CONTINUADA: UMA PERSPECTIVA DE
APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA
MARISA GARCIA



www.primeiraevolucao.com.br

ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Adriana Beatriz de Oliveira
- Aline Pereira Matias
- Amanda Maria Franco Liberato
- Anderson da Silva Brito
- Andréia Fernandes de Souza
- Bruno Vinicius Pereira da Silva
- Débora da Silva Melo Valiante
- Elaine Aparecida Forgassin Corrêa
- Fernanda dos Santos Ikier
- Graziela de Carvalho Monteiro
- Isac dos Santos Pereira
- Maria Angela Ferreira Oliveira
- Maria Dalva Lima de Sousa
- Marisa Garcia
- Ruy Francisco Sposaro
- Walter Paulesini Junior
- Silvana dos Santos Silva
- Solange Hitomi Kurozaki
- Suseli Corumba dos Santos



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.47>

Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

